

O IMPULSO DO AGRONEGÓCIO SOBRE A ECONOMIA BRASILEIRA

Os dados referentes ao PIB brasileiro no primeiro trimestre de 2017, divulgados recentemente pelo IBGE, foram recebidos com relativo entusiasmo por grande parte da mídia, que ressaltou o crescimento de 1% da economia brasileira frente aos últimos três meses do ano passado, após oito trimestres consecutivos de queda. Houve comemoração por parte do governo e grande destaque tem sido dado à agropecuária, e até ao agronegócio como um todo, atribuindo a este setor o papel de força propulsora do resultado positivo no trimestre.

É importante destacar, porém, que a economia brasileira persiste com resultado de queda quando se compara o trimestre atual com o mesmo período do ano anterior – redução de 0,4% (conforme Tabela 1), em que pese o substancial crescimento agropecuário no período, de 15,2%.

PIB Total	-0,4%
Agropecuária	15,2%
Indústria	-1,1%
- Indústria de Transformação	-1,0%
Serviços	-1,7%

Tabela 1. Variação do PIB e valor adicionado setorial, acumulada no trimestre (em relação ao mesmo 1º trimestre de 2016)

Fonte: IBGE – Contas Nacionais.

Dado este desempenho diferenciado dos setores econômicos no horizonte de um ano, é importante examinar os dados com maior profundidade e cautela. Primeiramente, para o setor agropecuário, é relevante notar que grande parte do elevado crescimento da safra de grãos foi alocada ao PIB do setor no 1º trimestre, e tal valor de produção não influenciará, com tamanha magnitude, o resultado do País no restante do ano. Tomando-se por base o agronegócio (que considera também os segmentos insumos, indústria e serviços, que se relacionam em cadeia com o agropecuário), as informações sobre o PIB, disponibilizadas pelo Cepea e pela CNA, permitem fazer uma avaliação mais detalhada. A Tabela 2 sumariza os principais resultados divulgados pelo Cepea e pela CNA, referentes à variação esperada para o PIB do agronegócio e dos seus segmentos em 2017 em comparação a 2016. São prévias das taxas de crescimento entre esses dois anos com base nas produções já ocorridas ou esperadas para o restante do ano. Importante mencionar que, diferente do IBGE, que distribui a produção agrícola entre os trimestres de acordo com o perfil de colheita (Censo 2006), o Cepea utiliza em seus cálculos também as previsões anuais de safra.

PIB-volume do Agronegócio	3,6%
Insumos	3,6%
Primário (Agropecuária)	10,7%
Agroindústria	-0,8%
Agrosserviços	2,2%

Tabela 2. Variação anual prevista para o PIB do agronegócio e de seus segmentos (com base em informações do 1º trimestre de 2017)

Fonte: Cepea/CNA.

Da Tabela 2, pode-se verificar que apenas a agroindústria segue em baixa no agronegócio, com tendência similar à da indústria de transformação como um todo. Em contrapartida, o segmento primário do setor (agropecuária) destaca-se com crescimento relevante de 10,7%. O desempenho fortemente positivo da agropecuária, levando à demanda de quantidades crescentes de insumos e de serviços em geral, reflete-se nos demais segmentos do agronegócio, impulsionando o crescimento nos demais elos da cadeia produtiva.

Além das variações de PIB em volume, o Cepea e a CNA divulgam também indicadores do PIB-renda e os preços relativos do agronegócio. A análise conjunta desses indicadores permite traçar um panorama completo da conjuntura macroeconômica do setor. O PIB-renda considera, além das variações de volume (PIB-volume), as variações reais dos

preços (Preços Relativos) dos diversos produtos do agronegócio, permitindo avaliar a renda real gerada pelo setor na economia. Essas informações estão na Tabela 3.

	PIB-volume do Agronegócio	Preços Relativos*	PIB-renda do Agronegócio
Agronegócio Total	3,6%	-3,9%	-0,4%
Insumos	3,6%	-2,5%	1,0%
Primário (Agropecuária)	10,7%	1,8%	12,7%
Agroindústria	-0,8%	-8,3%	-9,0%
Agrosserviços	2,2%	-5,0%	-2,9%

Tabela 3. Variação anual do PIB-volume, PIB-renda e Preços Reais do agronegócio (com base em informações do 1º trimestre de 2017)

Fonte: Cepea/CNA. *comparação entre os deflatores do PIB do agronegócio e do PIB da economia toda.

Da Tabela 3, verifica-se que, no primeiro trimestre deste ano, os preços do agronegócio cresceram a taxas inferiores que as dos preços médios da economia, representando perda em termos de preços relativos para o setor. O movimento desfavorável de preços, por sua vez, levou à queda de 0,4% estimada para o PIB-renda do setor. Os preços relativos recuaram no trimestre para todos os segmentos, principalmente para a agroindústria, exceto para a agropecuária. No agregado do agronegócio, os preços caíram 3,9% em relação ao conjunto da economia. Ou seja, o agronegócio deverá produzir, em 2017, 3,6% a mais do que em 2016 a um preço real 3,6% mais baixo.

O movimento de retração real nos preços do agronegócio favorece, de modo geral, a sociedade brasileira, por meio do controle da inflação. O grupo Alimentação e Bebidas, que tem elevado peso na formação no IPCA – e na cesta de consumo dos brasileiros – acumulou elevação de apenas 0,24% no primeiro trimestre, chegando a apresentar deflação em fevereiro. O setor, deste modo, contribuiu de forma decisiva para a estabilidade dos preços observada no período – o IPCA cresceu apenas 0,96% no trimestre, menor resultado para um primeiro trimestre desde o início do Plano Real, em 1994, de acordo com o IBGE. Deste modo, produzindo volumes crescentes a preços acessíveis, o agronegócio ajuda a garantir uma importante dimensão do bem-estar, principalmente da população tipicamente mais pobre, o que é essencial neste momento em que uma crise multidimensional afeta a economia brasileira.